

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**ACTUAR****por objectivos concretos  
e imediatos realistas**

A reanimação do movimento democrático, verificada nos últimos meses, explica-se pelo facto de se terem retomado as reuniões e encontros locais, regionais e nacionais, as discussões e passagens de palavras entre os partidos, os problemas mais candentes a sentidos pelas massas populares e sobre as iniciativas a tomar para a ação dos democratas em volta desses problemas. As discussões intermináveis e estériles em volta de programas de tipo partidário, que não cabiam e não cabem num momento tãoerto de desordens de todos os tipos, políticas e credos religiosos, ou que não professam nenhum, conduziram num passado recente a sua inacção.

Eis, porém, que ressurgem ideias e concepções que se julgavam ultrapassadas, que, a não serem combatidas no terreno político com a rapidez necessária, poderão provocar de novo discussões estériles e conduzir o movimento democrático a uma crise de que será depois muito mais difícil sair.

A ideia e proposta de uma campanha nacional por uma reforma da Presidência e a criação maravilhosa efecto de um movimento específico, a ir para diante pode arrastar os democratas para uma tarefa discutida, interessante e importante. Deve ser desenvolvida uma campanha nacional contra a censura e pela liberdade de expressão do pensamento, e no preciso momento em que o governo desencadeava uma ofensiva preventiva contra os trabalhadores, estudantes e intelectuais, em especial contra os comunistas, quando a carestia da vida atinge níveis incomparáveis para uma grande massa de portugueses, o motivo que se pode dizer é só mais objectivo se o mesmo dia mais a um desco de diversão de que a um desco sincero de luta contra o fascismo.

Na defesa de uma tal proposta, dizer-se que uma luta contra a carestia da vida não seria objectivo certo para o movimento e que a luta contra a censura se dirige antes ao seu objectivo e não ao seu resultado, mas que é necessário que se realizada seja violência das massas populares, e isto por culpa da ditadura fascista que fechou ao povo português outra qualquer via.

**O ANTIKOMUNISMO, BANDEIRA DA REPRESSÃO**

Inserido no quadro da agudização da luta de classe que se processa no país, o anticomunismo é a bandeira com que se cobrem M. Caetano, Rapazote, Sebião de Sousa, Silva Pinto e os reaccionários de todos os matizes para justificarem a repressão que há meses se vem abafando sobre os trabalhadores e o movimento democrático, para ordenarem toda a casta de atrocidades e de crimes contra os comunistas, para dividir e amedrontar as massas antifascistas, confundir as massas populares e em seguida liquidar o movimento democrático e reivindicativo.

Que não conseguiram estes

objectivos, mostram-no o tom e o conteúdo dos comunicados e notas oficiais do governo, os discursos «conversas» e entrevistas de Caetano e Rapazote.

Embora desejadas, as «explicações», «justificações» e «informações» sobre a vaga repressão que varre o país, as prisões, os processos cruéis de actuação da PIDE-DGS contra os presos, etc., só foram possíveis pela magnífica reacção popular, em especial dos empregados bancários de Lisboa e Porto, contra a repressão, contra as violências da PIDE, pela libertação dos presos.

(continua na 2.ª pág.)

**Há 30 anos  
O «AVANTE!»**

Em Agosto de 1951 saía o primeiro número da actual série do «Avante!».

Durante estes 30 anos de publicação ininterrupta, o «Avante!» esteve sempre na brecha com a classe operária, as massas trabalhadoras da cidade e do campo, os intelectuais progressistas, os estudantes, com todos aqueles que de uma maneira ou de outra têm participado na luta contra a ditadura fascista, pelo pelo, a democracia, o socialismo, a paz.

A classe operária, os trabalhadores, compreendendo a importância do papel do «Avante!» na orientação das suas lutas, acarinhando-o, defendendo-o, mantêm-

-no juntamente com a direcção do Partido, os tipógrafos, os distribuidores e redactores que não pouparam nem canseiram nem sacrificios para que o «Avante!», o nosso «Avante», melhor haja sempre de aspecto e conteúdo e resista vitoriosamente às investidas do inimigo de classe.

Saudando neste momento a classe operária, os trabalhadores, intelectuais e estudantes, pelas batalhas que têm travado nestes sete meses do ano do 50º aniversário da actual série, o «Avante!» apela para todos reforçarem a sua ajuda financeira à imprensa do Partido.

**Viva o «Avante!»**

As mudanças operadoras nos serviços da Presidência são fruto das lutas constantes das massas trabalhadoras e nada têm a haver com «reformas». No terreno da Presidência continuamos a pensar que a tarefa que se coloca aos trabalhadores é de continuarem a lutar passo a passo por aumento de regalias já adquiridas: reformas, abonos de família, assistência médica e medicamentos, etc., e pela conquista de outras.

Ao movimento democrático, pensamos-nos, cabe a tarefa de apoiar com palavras e actos essa luta.

O movimento democrático nacional só poderá manter reforçado, alargando a sua influência e cumprir o seu dever de aglutinador e orientador se for capaz de se ligar às massas e de saber confiar nelas, de agradecer-lhes a sua solidariedade, a sua lealdade, a sua coragem, a sua determinação, a sua vontade de lutar, de dar resposta pronunciada sobre os principais acontecimentos da vida nacional.

# FAZER FRENTE À REPRESSÃO FASCISTA

(continuação da 1.ª pág.)

O eco dessa reacção reverberou por todo o país e ergou as

## IMPERA O ARBITRIO E A VIOLENCIA

*Segundo Caetano, Rapazote e C.º, os portugueses podem "pensar" o profissional de que "não querem mais sempre em silêncio", podendo pensar em reclamar melhores condições de vida, mas entretanto morrer de fome; podem pensar que não têm liberdade, mas não se reclamam e muito menos lutam, por elas podem pensar em desafiar o regime, mas não podem pensar que a guerra colonial é um crime monstruoso" mas não o proclamam. Se rompem com estas normas cai sobre elas toda a espécie de violências.*

*Cerca de uma centena de homens, mulheres e crianças presos, estão a ser julgados em Lisboa, Sacavém, Almeira, Alhandra, Vila Franca de Xira, Barreiro, Almada, Moita, Porto, etc., são alvo de violências inauditas nos outros da PIDE-DGS. E voar correm, que uns presos do Barreiro foram espancados, roubados, os seus homens, encarcerados indefinidamente e os seus dirigentes presos, torturados e condenados.*

*Não, infelizmente, as violências e os crimes do regime que temos denunciado atraíram os anões.*

*No dia 10 de Julho, os presos foram violentemente 8 dias e noites serrados, 7 e mais 4 apesar pequeno intervalo, 8 e 12, sendo 8 sem comer por ter resolvido fazer a greve da fome como protesto. O trabalhador VIEGAS, de Odifrelos, que no acto da prisão foi abatido a tiro numa porta, entrou quatro dias depois num*

fronteiras. Nestas condições, o governo não podia guardar silêncio, embora o desejasse.

*hospital com um hematomas crítico. No Porto, o operário dos Transportes Colectivos, FRANCISCO BARBOSA, que por delito de contrato colectivo dos metalúrgicos em fase de arbitragem, tem sido espancado e fotografado SÉRGIO VALENTE e sua mulher LAURA VALENTE foram ambos presos e mantidos, em 8 de Julho, quando presos, por D. LUIZ DE SOUZA, D. MIGUEL SOARES e SILVINO TRÍXPERA, da direcção da Associação da Faculdade de Direito, JOSÉ ANTONIO, de Astronomia e JOSÉ LUIS, de Económicas.*

*Associados de estudantes e mesmo sindicatos nacionais, quando as direcções defendem os interesses e direitos dos seus associados, são espancados, roubados, os seus homens, encarcerados indefinidamente e os seus dirigentes presos, torturados e condenados.*

*Não, infelizmente, as violências e os crimes do regime que temos denunciado atraíram os anões.*

*São uns realitistas que podem ser enganados, mas não os pode ser só naqueles outros assassinados nos outros da PIDE, nas prisões e no campo satírico da Trafaria, ou abatidos a tiro na rua pelo bando dos assassinos da PIDE, depois PIDE e agora DOS.*

## DESMASCARAR A MANOBRA PROVOCATÓRIA DE M. CAETANO COMBATER O VERBALISMO PSEUDO-REVOLUCIONÁRIO

O governo pretende, porém, justificar a vaga repressiva agitando o espartilho do terrorismo. A afirmação de M. Caetano de que o descarrilamento do rápidoo do Porto se deveu a sabotagem, o caso do embrulho com explosivos na Moita, o anfídio de que uma bomba rebentara debaixo de um automóvel, o estardalhaço feito em torno de um estranho assalto<sup>1</sup> à sucursal de um banco, na avenda de Roma, em Lisboa, constituem com toda a evidência, uma manobra provocatória cuidadosamente ensaiada. Procurando confundir as justas acções revolucionárias da ARA, que causaram geral entusiasmo nas massas populares e sobre as quais o governo guarda quase completo silêncio, com actos de terrorismo simulados, supostos, organizados para o efeito ou de origem suspeita, o governo pretende levantar sectores da opinião pública contra as forças revolucionárias, refrear a indignação popular ante a ofensiva repressiva actual e preparar terreno para novas perseguições, arbitrariedades, violências e crimes, que as forças repressivas, tendo à frente a odiada PIDE, estão preparando. O PCP desmascara e desmascara esta manobra provocatória de M. Caetano.

No comunicado do Ministério do Interior de 26 de Julho, o governo lança mão de mentirias e da calúnia, vil procurando fazer crer que o PCP enveredou pelo caminho do terrorismo.

Como é sabido, o PCP sempre se opõe, opõe-se e opõe-se a resolutamente a actividades terroristas. Só criminosos poderiam provocar descarrilamentos de comboios de passageiros e explosões para lançarem a intran-

quillidade e o pânico. Actos terroristas não serviriam a causa do povo português. Não apressariam, antes reafreiram, o processo revolucionário. Só ao fascismo poderiam agradar.

Ao contrário do que diz o governo, a vaga de prisões atinge antifascistas, cujo único crime é terem nas empresas, nas comissões democráticas, nas escolas, nos quartéis, defendido consequente e corajosamente os interesses das massas populares e terem-se oposto à política fascista e de guerra colonial do governo de M. Caetano.

Ao mesmo tempo que desmascara a manobra provocatória do governo, o PCP chama uma vez mais a atenção para os efeitos nocivos do verbalismo pseudo-revolucionário de radicais pequeno-burgueses e de elementos irresponsáveis, que fazem apelos a acções terroristas, ou que, como os aventurários de Argel na «Voz da Liberdade», insinuam, com a sua propaganda dos «acidentes inexplicáveis», que descarrilamentos, incêndios e outros desastres, que atingem dramaticamente o povo português e resultam, em muitos casos, da inércia do governo, são obra de «forças revolucionárias». Tal propaganda converge com a propaganda fascista, alimenta esta e tem de considerar-se objectivamente provocatória. Já hoje o governo aproveita as afirmações destes elementos irresponsáveis para procurar justificar a vaga de repressão. É esclarecedor que no dia 14 de Junho a «Voz da Liberdade» tenha indicado como actos de resistência antifascista acidentes nos caminhos de ferro (!) e logo no dia seguinte, falando pela TV, M. Caetano, aprovando a deixa, tenha atribuído

a um acto de sabotagem o descarrilamento do rápidoo. O PCP aponta como provocatória e servindo os designados fascistas a propaganda do terrorismo feita por verbalistas pseudo-revolucionários e quaisquer iniciativas terroristas de elementos irresponsáveis que venham eventualmente a tomar.

## A LUTA DOS BANCÁRIOS CONTRA A REPRESSÃO E OS SINDICATOS NACIONAIS

Em defesa do seu dirigente sindical, **Daniel Cabrita**, os empregados bancários deram exemplos magníficos de iniciativa e combatividade, com especial relevo para os de **Lisboa**.

Procurando reclamar a libertação do seu colega junto do Ministério do Interior, eles organizaram durante um mês sucessivas manifestações de rua, duas das quais com **2.500** e **5.000** participantes, gritando o nome de D. Cabrita. Dos choques provocados pela intervenção da polícia resultaram mais de 100 feridos durante a manifestação de 20 de Julho e 13 manifestantes presos. Os bancários resistem corajosamente às brutalidades da polícia, com pedras e com toda a variedade de artigos de escritório atirados das janelas dos bancos. Realizam diariamente concentrações à portas dos bancos, que a polícia procura desferir provocando choques. Centenas de telegramas assinados colectivamente são enviados ao governo de vários pontos do país.

O **luto** como forma de luta e de protesto, em Lisboa, é seguido também por muitos empregados de seguros. Paralisações de meia hora têm lugar, em Lisboa, a média de três por semana nos bancos principais. Quase diariamente são publicados comunicados e circulares informando a massa dos bancários e a população, desmascarando as manobras provocatórias dos banqueiros, dos seus laiaços e da polícia. Numa assembleia geral do Sindicato, que acabou por ser proibida, cerca de **3.000** bancários reclamam a libertação de D. Cabrita e gritam o seu nome.

No **Porto**, os actos de solidariedade são diários e assumem grande importância. Impedidos de realizar as assembleias no sindicato os bancários manifestam-se na rua. Duas manifestações, uma delas já em Agosto, em que centenas e centenas de manifestantes

## A LUTA CONTRA A REPRESSÃO NÃO PODE, NÃO DEVE PARAR

**Os ferroviários do Barreiro** apelam para a luta contra a repressão: «Não fiquemos parados nem encolhidos com medo» dizem eles num manifesto. **Mulheres democratas de Setúbal** alertam contra a vaga repressiva, protestam contra a prisão dos maridos, reclamam a libertação dos presos. A **Comissão Nacional dos Ferroviários**, apoia e solidariza-se com os bancários de Lisboa.

Os estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto publicam comunicados desmascarando os métodos repressivos do governo, protestam, reclamam a libertação dos

Assim, impõe-se, por um lado, combater os verbalistas pseudo-revolucionários e a sua propaganda do terrorismo, e, por outro lado, desmascarar as manobras provocatórias do governo contra os comunistas e o movimento antifascista e fazer frente corajosamente à repressão fascista.

reclamam a libertação de D. Cabrita e a reabertura dos sindicatos de Lisboa e Porto. Publicam quase diariamente comunicados e circulares e reproduzem os de Lisboa, realizam reuniões no sindicato e fora dele, enviam muitas dezenas de telegramas protestando, desmascarando, reclamando.

Um aspecto novo de grande importância no contexto da luta dos trabalhadores contra a repressão, pela liberdade de expressão do pensamento e contra a censura, pelo direito de reunião, pela liberdade sindical, é o facto das direcções dos três sindicatos dos empregados bancários e de outros dez sindicatos nacionais, representando mais de **200.000 trabalhadores**, terem tomado a defesa do seu colega D. Cabrita e lutado valentemente pela sua libertação, resistindo a todas as pressões e intimidações dos banqueiros, do Ministério das Corporações e da polícia.

Caetano e Rebelo de Sousa recusaram receber e atender as direcções desses sindicatos, mostrando assim mais uma vez quem serve e contra quem servem.

Chega-se assim a uma situação de crise do regime em que os sindicatos nacionais, parte integrante da Organização Corporativa fascista, são encerrados, impedidas indefinidamente eleições noutras, destituídas arbitrariamente direcções eleitas pelos trabalhadores em muitos outros, proibidas pela força reuniões entre direcções de sindicatos nacionais.

Isto explica-se porque direcções eleitas pelos trabalhadores, compostas por homens fiéis à sua classe, em vários sindicatos defendem os interesses destes, o que naturalmente se choca com os interesses do patronato, com a base ideológica do regime, com a tão decantada teoria da «harmonia de classes» em que assentam a criação dos sindicatos nacionais, fascistas.

estudantes presos, informam a massa estudantil e a população.

No distrito de Braga, num comunicado tornado público, **250 operários, empregados, proprietários, industriais, advogados, médicos, engenheiros, etc.**, informam que se constituirão em Comissão de Socorro aos Presos Políticos. Outras comissões já constituídas publicam comunicados contra a repressão.

Abaixo-assinados contra as prisões e as torturas aos presos circulam em várias regiões. Colóquios sobre as celeradas «medidas de segurança» e moções assinadas reclamando a sua abolição

## OS TRABALHADORES EM LUTA

## PARALISAÇÃO GERAL

nas oficinas da C.P. no Barreiro

SAUDAÇÕES  
dos partidos irmãos

## PARTIDO COMUNISTA DA GRÁ-BRÉTANHA:

*Na sua saudação fraternal assinada pelo seu secretário-geral, camarada John Goldfarb, põe em relevo a coragem revolucionária do nosso Partido na sua luta incessante contra «um dos mais odiosos e opressivos regimes desse tempo».*

*Todos concordam com o sentimento do nosso dever revolucionário para com o povo português e também para com os povos de Moçambique, Angóla e Guiné. O ressoso festejo apoio à sua luta pela independência nacional é profundamente apreciada.*

## PARTIDO COMUNISTA LU-

**XEMBURGUÊS:** *Depois de saudarem o Partido Comunista Português da luta do nosso povo pela sua libertação, a mensagem deste Partido irmão, assinada pelo presidente do C.C. camarada D. Urbano diz: «A luta encarnadaria que o vosso povo condus praticamente desde a sua origem, a rota da liberdade, da justiça, encabeça dos admirado profunda estima. Vos contais com uma solidariedade total nas lutas do nosso partido e junto de todos os progressistas e democratas luxemburgueses».*

## PARTIDO COMUNISTA DA VENEZUELA:

*A mensagem deste Partido irmão, assinada pelo seu secretário-geral, camarada Ernesto Pérez, sonha assim, os 50 anos de luta do nosso Partido: «Tom sido 50 anos de luta incansável contra o fascismo que apoiado pelo imperialismo se entronizou em terra lusitana; 50 anos de luta intratigente para a liberdade, a justiça, a verdade, para o combate pela conquista das liberdades públicas, por melhores condições de vida para os trabalhadores e para o povo em geral...». E termina com o compromisso de ser intensificada a sua solidariedade à nossa luta.*

## PARTIDO COMUNISTA DA GRECIA:

*Na mensagem fraternal desse Partido assinada pelo seu secretário-geral, camarada Dimitris Kotsias, são postas em relevo as profundas raízes do nosso Partido*

(continua na 4ª pág.)

têm lugar em vários lados.

Manifestos da C. Ex.<sup>a</sup> do C.C. do PCP, das Organizações regionais de Lisboa e do Norte do PCP e de outras origens põem a ná as causas da repressão, desmascarando as provocações de M. Caetano e apelam para a classe operária, camponeses, jovens e intelectuais, democratas e antifascistas para prosseguirem sem desfalcamentos na luta por objectivos concretos imediatos — contra a repressão.

Mantém firmemente a resistência popular, alargá-la a novas classes profissionais e sectores, mobilizar a classe operária, os intelectuais, os estudantes, os familiares dos presos para a ação diária, é uma tarefa imperativa que se coloca a todos os democratas e antifascistas, em primeiro lugar aos comunistas, para barrar o caminho à repressão, desbaratar as provocações do governo e da sua polícia política, salvar os presos — libertá-los!

Os operários das oficinas da C.P., no Barreiro, fizeram uma **paralisação geral** no dia 15 de Julho, das 8 às 10 horas, em sinal de protesto por o governo e a C.P. terem faltado ao compromisso por eles assumido de aumentarem os salários passados 15 meses após a assassinato do C.C.T.

Pela sua própria experiência de luta, os trabalhadores da C.P. sabem que só persistindo unidos e firmes como um só, recorrendo a novas paralisações ou outras vigorosas acções de protesto, poderão obrigar a C.P. e o governo a cumprir as promessas e vencer a ameaça das suas manobras de intimidação e divisão com vista a enfraquecer e mesmo paralisar a justa luta dos ferroviários.

Os operários do turno da noite, na **FÁBRICA DAS COLMEIAS** (Leiria) paralisaram o trabalho impondo assim o pagamento do «prémio» prometido.

Os **chapateiros** de S. João da Madeira, totalizando cerca de 850, enviaram a M. Caetano

uma exposição com 800 assinaturas desmascarando as ilegalidades cometidas no Sindicato e apresentando as suas reivindicações, entre elas o aumento de 10\$000 diários. Porém, os trabalhadores devem lembrar-se que do governo e do patronato nada podem esperar de vontade própria e que só pelo recurso a novas formas de ação dentro da empresa, como concentrações, paralisações e mesmo greve, fortalecendo sua unidade e organização, poderão fazer valer os seus direitos.

O **pessoal de enfermagem** do Hospital de S. João, no Porto, centenas de pessoas no seu conjunto, levou a cabo uma ação de protesto contra o aumento dos preços das refeições recusando-se colectivamente a almoçar na cantina no dia 1º de Julho.

Para a frente trabalhadores, com determinação e audácia, para forçar o patronato e o governo a cumprirem as suas falsas promessas, para que sejam satisfeitas sem demora as vossas justas reivindicações!

# UMA GUERRA CRIMINOSA QUE O Povo PORTUGUÉS CONDENA

Os factos trazem à tona as mentiras e incongruências dos fascistas colonialistas portugueses nevadas das derrotas que estão sofrendo nas criminosas guerras coloniais.

Assim, nos jornais do dia 11, de Junho, foi divulgada a notícia de que os patriotas do PAIGC tinham bombardeado Bissau «até ao goteiro de longo alcance». Como? Pois não estão as forças dos movimentos de libertação instaladas nos países vizinhos? Sendo assim, como os fascistas-colonialistas afirmam a cada passo, «e caso para dizer: que é de alheia autoridade...»? Esta fonte noticiosa também assinalava «a calma e a serenidade demonstradas pela população do citado». Pois, pouco mais de um mês havia decorrido — já um comunicado do ministro da Defesa havia cunhado o termo «desenvolvimento do alarme e a inquietação em Bissau eram grandes em resultado de nebulosos «boatos». Não estariam estes relacionados com os novos sucessos do PAIGC, designadamente a elevação da sua força militar populares de Cabo Verde? Uma nova reisão ficava clara neste comunicado: a ameaça de feroz repressão. Aqui, sim, os factos condiziam com as palavras: uma delegação da PIDE-DGS era entretanto instalada em Bissau, com plenos poderes para torturar e assassinar patriotas guineenses.

Tal facto, só por si, permite concluir que os sucessos do PAIGC, tanto no domínio militar como no político, estavam tornando-se visíveis no território das fascistas colonialistas da Guiné e que estas fazem esforços desesperados para retardar a hora da debandada.

Cunha do Malau, Parim, dos resultados das conversações heldas há pouco em nada foi revelado. «Conversações interessantes sobre problemas de interesse mútuo» e «assuntos de maior interesse para os 2 países», eis no que Rui Patrício e Silveira Cunha resumiram as suas visitas ao presidente da PIDE-DGS, que deixou anteier nada de bom para a tutela dos povos coloniais. Já era conhecida a ajuda militar dos racistas da África do Sul, que intervinham directamente em Moçambique e em África do Sul, com suas tropas, sua aviação e suas armas na política de traição dos povos africanos do ditador Banda.

As provocações e as conspirações contra os países africanos vizinhos das colónias portuguesas eram de bom a Poder. Os fascistas, como sempre, respondem às acusações e denizações com malabarismos verbais que não enganam ninguém. Ninguém duvida que, com o fim de provocar choques entre o governo português e o PAIGC, os governos portugueses não hesitasse em colocar naquele país minas de fabrico soviético capturadas aos patriotas guineenses, tal como para fazer derribar o governo da República da Guiné e instaurar assim um ruim golpe do PAIGC, o governo português não hesita em atuar os forças reactionárias deste país.

\* \* \*

Só o fogo e sangue, os fascistas-colonialistas não conseguindo prolongar nas colónias d'apregoadora obra «civilizadora» dos seus antepassados.

\* \* \*

Esquecendo que os comunicados dos seus altos comandos, os fascistas, falsificados, dão testemunho de um número crescente de operações militares e de jogos portugueses mortos em combate, os fascistas colonialistas repetem ridicilmente com o seu chefe que se trata «única vez de combates de «terrenos»» na fronteira do exterior, negando ao mesmo tempo que os movimentos de libertação nacionais lutaram nas três regiões das ilhas libertadas.

A tal respeito, o comunicado 1171 da FRELIMO, datado de 10 de Março passado, é umclarecedor ao dar conta das principais direcções em que se desenvolve a luta de libertação, nomeadamente: a) Consolidado das regiões libertadas; b) Intensificação do trabalho de mobilização política e de organização das populações que vivem nas regiões ainda dominadas pelos colonialistas portugueses; c) Extensão da confrontação armada a novas zonas, informando que o saldo das operações militares entre Novembro e meados de Janeiro findos, o comunicado dá estes resultados finais reveladores: «358 soldados portugueses mortos, mais de 43 viaturas, 3 catapeltas e 4 tractores destruídos, 9 postos militares atacados, 5 pontes e 2 comboios destruídos».

\* \* \*

**militares portugueses torturaram até à morte um patriota africano**

Denunciando a intensificação da repressão e novos crimes dos colonialistas portugueses, o referido comunicado da FRELIMO diz:

«Somente nas proximidades de Lourenço Marques e Díaz, no Sul de Moçambique, 1.400 moçambicanos presos no dia 20 desse mês de Junho, Júlio e Agosto, pela PIDE-DGS (Polícia Secreta Portuguesa) e acusados de pertencerm ao FRELIMO». «Na prisão central de MACAVAL, 18 moçambicanos foram mortos pelos colonialistas, depois de terem sido brutalmente torturados sob a acusação de serem os leaders dum movimento de agitação e mobilização organizado pela FRELIMO no seio dos 3.000 prisioneiros politicos detidos nessa prisão. Entre os

patriotas assassinados figuram JOEL MONTEIRO GUADUANE, preso em 1961 e condenado a 3 anos de prisão, dirigente da FRELIMO, SIDONIO BILA e outros».

A mesma repressão bestial tem-se abatido sobre os combatentes do PAIGC e do MPLA. Impotentes para destruir, podem mobilizar os seus agentes provocadores coloniais, os colonialistas portugueses fazem cair o seu ódio criminoso sobre as populações de Angola, Moçambique e Guiné; bombardeiam cidades, devastam culturas, massacram povos, cometem portugueses «atrocidades estratégicas». Nos moldes imperialista norte-americano das «aidezas estratégicas» no Vietnam do Sul, os fascistas-colonialistas concentram pela força as populações do mundo para impedir a resistência popular. As suas atrocidades, como sempre, respondem às acusações e denizações com malabarismos verbais que não enganam ninguém. Ninguém duvida que, com o fim de provocar choques entre o governo português e o PAIGC, os governos portugueses não hesitasse em colocar naquele país minas de fabrico soviético capturadas aos patriotas guineenses, tal como para fazer derribar o governo da República da Guiné e instaurar assim um ruim golpe do PAIGC, o governo português não hesita em atuar os forças reactionárias deste país.

A explosão dos padres brancos de Moçambique, que se tornaram algo dum campanha venenosa do governo em que o próprio Caetano deu o tom está ligada à denúncia de tais crimes. «Nós devemos denunciar e punir quem cometeu estas facanhas bárbaras, em nome da «Pátria» e da «Civilização» que os jovens são submetidos a uma revoltante preparação «psicológica» antes e durante o tempo que permanecem nas colônias.

\* \* \*

A oposição à guerra colonial toma formas cada vez mais amplas e decididas: cresce a resistência nos quartéis: aumenta o número de deserções (102 em Janeiro, 154 em Fevereiro); aumentam as percatâncias e os protestos dos soldados; os fuzilamentos dos jovens soldados dão lugar a manifestações populares contra as guerras coloniais nem sempre silenciosas. A PIDE-DGS, a PSS e a polícia portuguesa, não conseguem impedir a fixação das cartas pacíficas e que nos discursos fúnebres sejam feitos apelos à Paz, como sucedeu em Matosinhos, num funeral em que se incorporaram 300 pessoas, na sua maioria jovens. «O que é certo é que não tem conseguido nas criminosas guerras coloniais e que dele apenas tem a esperar descontentamento, desconfiança e crescente hostilidade. M. Caetano lastima-se declarando que tem que contar com uma «rectangular senda».

Só o povo português sente e sabe que os povos das colónias são seus irmãos de combate na luta contra o intímigo comun — o fascismo português — e que a intensificação da luta contra as criminosas guerras coloniais é uma necessidade imperiosa, um acto de patriotismo e um dever solidário.

## SAUDAÇÕES DOS PARTIDOS IRMÃOS

(continuação da 3.ª pág.)

no povo português, as duras provações por ele vencidas durante 45 anos de profunda clandestinidade e o seu papel de grande partida no nacional, acrescentando: «Os comunicados que vêm da África, nomeadamente da colónia de Moçambique, mostram-nos condições dumha ditadura fascista, seguem com interesse as lutas das comunistas portuguesas em defesa dos interesses da classe operária e das amplas camadas populares, pela unidade das forças democráticas e patrióticas do país na luta pelo derribamento da ditadura fascista».

## PARTIDO PROGRESSISTA DO Povo TRABALHADOR

DO CHIPRE: A mensagem do Partido Irmão, assinada pelo seu secretário-geral, camarada Efstathios Papaioannou, saluda a luta consequente do nosso Partido contra o fascismo e o imperialismo, pela democracia e o progresso social em Portugal e pela libertação das colônias portuguesas.

# O TERROR SANGRENTO NO SUDÃO SERVE O IMPERIALISMO

Após o malogrado golpe de Estado militar de 19 de Julho, os julgamentos sumários, as execuções arbitrárias, as prisões em massa prolongam-se por dias sucessivos, encendendo de indignação e dor toda a opinião pública democrática internacional.

As forças reactionárias sudanesas fazem cair sobre as forças progressistas e patrióticas do País, e particularmente sobre o Partido Comunista do Sudão uma repressão sangrenta.

Para regejoso do imperialismo e de toda a reacção internacional, a impiedosa punição dos chefes e responsáveis do golpe militar foi acompanhada por uma selvática e frenética campanha anti-comunista; o secretário-geral do Partido Comunista do Sudão, camarada **Abdel Khalek Mahgoub**, o secretário-geral da Federação dos Sindicatos, camarada **Shafiq Ahmed el Sheikh** e outros destacados dirigentes comunistas foram assassinados.

Com a liquidação física de numerosos dirigentes comunistas e a prisão de milhares de militantes e activistas, as autoridades sudanesas visam antes de mais a liquidação da principal força revolucionária no País — o Partido Comunista do Sudão — para mais facilmente poderem aniquilar todas as forças democráticas. Este negro objectivo tornou-se ainda mais claro com a posterior dissolução da Federação dos Sindicatos e outras organizações democráticas.

Surdos ao clamor de protestos que se levantou no mundo, e mais vigorosamente partido da União Soviética e de outros países socialistas da Europa, dos partidos comunistas europeus e árabes, de organizações nacionais e internacionais de trabalhadores, de organizações progressistas internacionais de partidos progressistas de vários países, de manifestações e comícios de protesto levados a cabo por milhões de trabalhadores na União Soviética, Bulgária, Polónia, Checoslováquia, República Democrática Alema, França, etc., os dirigentes sudaneses não cessam nem abrandam a sua campanha de terror e ao seu anticomunismo sangrento não tardaram a juntar o seu anti-sovietismo declarado. Porém, a pretexto de defender desta forma os interesses do povo sudanês, a clique de Nimeiri não mais faz do que favorecer o imperialismo e o sionismo e, consequentemente, enfraquecer a luta geral dos povos árabes contra os seus inimigos comuns.

Os comunistas portugueses prestam homenagem à memória dos seus camaradas sudaneses vítimas da monstruosa vaga de terror e exprimem a sua solidariedade de combate ao Partido Comunista do Sudão, que sempre se manteve com honra na vanguarda da luta pela independência e o progresso do povo sudanês; com os trabalhadores portugueses condenam e exigem o fim da criminosa repressão de que está sendo alvo este Partido Irmão e todas as forças progressistas sudanesas.

No prosseguimento da política de alianças e contatos com os regimes racistas e reactionários vizinhos das colónias portuguesas, Rui Patrício deslocou-se à África do Sul e São